

Thais da Silva Osga¹

O QUE É “HISTÓRIA AMBIENTAL”?

A definição de História Ambiental apresentada por Warren Dean (1996) é uma história de exploração e devastação florestal. Para Pádua (2014), a História Ambiental pode ser trabalhada dando foco maior tanto na questão cultural, nas percepções de mundo, como também no aspecto mais materialista.

De acordo com o autor, áreas mesclando os dois focos são propostos, como por exemplo, a História Urbana, que aborda as enchentes, sistemas de esgoto e a presença da natureza na cidade (Idem, p. 464). Pádua, diferente de Dean (1996), considera que não existe nenhuma história que não seja ambiental, pois esse aspecto seria uma parte que constitui a própria história, uma vez que a mesma ocorre/ocorreu em um lugar físico (PÁDUA, 2014, p. 464). Nas palavras do autor:

Mas a História Ambiental não tem necessariamente um enfoque materialista ou hiper-materialista, porque tudo que é material na história humana passa também pelo cultural, pelos entendimentos do mundo e da natureza. (PÁDUA, 2014, p.464).

Pádua considera o ser humano como parte da vida do planeta, e que, portanto, possui uma dimensão ambiental. Desse modo, ao mesmo tempo em que é um ser biológico, é cultural, fazendo parte da própria natureza e transformando-a.

Nesse sentido, Pádua afirma que:

o ideal é que a historiografia levasse em conta com mais atenção a complexidade do mundo, o mundo biofísico onde e através do qual nós vivemos, o território onde a história se faz. Por que a história sempre acontece em algum lugar e em algum momento, obviamente. (PÁDUA, 2014, p.466).

A História Ambiental começou a se constituir como um campo acadêmico na década de 1970 (PÁDUA, 2010, p.81). Nessa mesma década que nasce também, a ideia de ecologia. O cenário político era favorável, como também os historiadores ambientais foram estimulados pelas mudanças presentes no campo científico, como por exemplo, a ideia de que a ação humana pode provocar relevantes impactos na natureza, gerando inclusive a degradação. Contudo, o autor vai ressaltar que já vinham sendo realizadas análises histórico-ambientais desde o século XIX (Idem, p.81).

Apesar disso, Pádua expõe que as preocupações dos homens em relação a natureza, estiveram presentes na cultura erudita europeia pelo menos des-

Palavras - chave:
Campo Historiográfico,
História Ambiental, História
Ambiental Urbana.

Resumo: Por meio deste ensaio, tentou-se estabelecer em poucas páginas uma definição básica desse campo acadêmico denominado História Ambiental, o qual é consideravelmente recente. Além disso, buscou-se exemplificar um breve resumo do seu surgimento de tal campo, como também clarificar e explicar o que ele estuda, suas outras possibilidades, como a História Ambiental Urbana. Ademais, objetivou demonstrar a relevância desse campo historiográfico, principalmente se tratando de Brasil.

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: thais_osga@hotmail.com.

de o século XVIII e ajudaram a cunhar o pensamento moderno. Dean (1996, p. 22) vai demonstrar dois principais aspectos dessa História Ambiental, a qual ele vai chamar de História Florestal. Vai enfatizar a História Florestal americana, na qual a floresta aparecia como “uma reserva de madeira viva” (Idem p. 22), principalmente como algo relacionado ao comércio. Já as europeias, vão considerar de extrema riqueza, devido a sensibilidade, pois “foram escritas ricas ‘histórias florestais’, sensíveis às particularidades locais e aos projetos humanos e cautelosas na explicação do comportamento e do ser das formas de vida que as constituem” (Idem, p.22). Apesar disso, ela se limitaria “ao manejo de arvoredos desgalhados e podados e de macabras reservas de caça” (Idem, p. 22).

HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL

A História Ambiental engloba diferentes aspectos da natureza e a interação do homem com a mesma. O Brasil, sendo um país tropical de dimensões continentais, é um prato cheio para estudos relacionados ao meio ambiente e história.

Drummond (2002) expõe que o Brasil, esse grande país tropical é extremamente relevante para a História Ambiental. Ele possui dimensões continentais, uma tropicalidade presente na maior parte do território juntamente a uma enorme variedade de biomas e ecossistemas (DRUMMOND, p. 16). Além disso, possui uma pré-história curta somada a longa experiência da comunidade primitiva, “imperialismo ecológico” e o próprio “tesouro natural do Brasil”. Ainda de acordo com o mesmo autor, o Brasil foi colonizado por europeus juntamente com africanos escravizados (involuntariamente). Desse modo, a colonização reuniu três grupos diferentes em um mesmo território. Obviamente, houve a interação desses grupos entre eles e entre o próprio ecossistema, o que levou a introdução de doenças, plantas e animais. Ademais, relembra que o Brasil tem esse nome devido à árvore pau-brasil, matéria-prima muito explorada na época durante a colonização (DRUMMOND, p. 16-19).

O desmatamento intenso da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica contribuíram para a formação de uma “identidade ambiental” do Brasil no exterior, o que acabou gerando uma preocupação do brasileiro em relações as questões ambientais (DRUMMOND, p. 22). Drummond também con-

sidera a Mata Atlântica como um objeto rico para o campo da História Ambiental, principalmente pelo tamanho e formações.

Além disso, ainda é possível pensar um outro aspecto da História Ambiental: as cidades. A história ambiental urbana surge com o objetivo de romper com a ideia de que a natureza e humanos estão totalmente desconectados. Desse modo, Maia e Sedrez (2011) afirmam que

As relações entre história e natureza, nem sempre são reconhecidas pelos urbanistas. Na dicotomia campo/cidade, homem/natureza, o entendimento implícito é que no campo se está sujeito aos caprichos da natureza, e na cidade, ao contrário, se está a salvo e acima destes. (MAIA; SEDREZ, 2011, p. 223).

Para Munford (1988, p. 13-15) a cidade é algo natural, mas também algo construído conscientemente. No caso das cidades Latino-americanas, Romero (2009) destaca que a expansão europeia, as quais tiveram uma mentalidade fundadora fundamentada na certeza de posse da verdade, teve ambientes urbanos que inicialmente surgiram sendo um forte, no estilo cidade fortaleza, ou como um porto, ou também erguidas no lugar de cidades indígenas.

HISTÓRIA URBANA REGIONAL

Da Rocha; De Carvalho (2017) pesquisam a relação da História Ambiental Urbana com o matadouro Municipal da cidade de Ponta Grossa. Ponta Grossa, no final do século XIX, estava enfrentando o processo de modernidade e progresso. Desse modo, deveria repensar a reorganização e as práticas de saneamento, como também as práticas relacionadas a mortes de animais para consumo no município.

Parece-nos que os habitantes da época viveram em um período intermediário em que, apesar de toda a incrementação pelo qual o espaço urbano de Ponta Grossa vinha passando (e que à primeira vista poderia ser corroborada pela modernidade de se ter um matadouro municipal), existia um local de matança próximo, com as condições de funcionamento aqui já discutidas, coexistindo com uma vida urbana de significativa movimentação. Características também evidenciadas ao perceber que, na documentação de transferência e concessão de terras, arte da população habitava ou buscava edificar residências nas proximidades do matadouro municipal. (DA ROCHA; DE CARVALHO, 2017, p. 422).

Nesse trabalho é possível perceber a relação da população com o matadouro. Inicialmente o prédio estava localizado no atual estacionamento do

Campus Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa e a população tinha o costume de usá-lo como ponto de referência de localização espacial.

Deve se ter em mente que Ponta Grossa, um centro ferroviário, recebia pessoas de todo o lugar, logo, um matadouro seria visto com maus olhos. A cidade que almejava modernidade, principalmente na rua XV de Novembro (CHAVES; RUMBELSPERGER, 2011 apud DA ROCHA; DE CARVALHO, 2017, p. 412), estava marcada pelo sangue, odores e ruídos desagradáveis na região central. Portanto, esse quadro deveria ser mudado. A partir de 1936, o matadouro foi transferido da região central para o atual bairro de Uvaranas. Portanto, era notável a transformação da cidade, entretanto, as práticas de matança permaneciam as mesmas (DA ROCHA; DE CARVALHO, 2017, p. 413).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras apresentada somada ao que foi trabalhado em sala durante este curso, ficou claro que a História Ambiental não está relacionada somente as árvores e ao mundo natural. Claro, ela possui relação, mas não pode ser limitada somente a isso. Ela estuda a Historicidade e por vezes também o impacto da relação entre os não-humanos (animais, plantas, alteração de paisagens, invenções humanas, entre outros) na vida das pessoas e de civilizações, considerando o ambiente.

REFERÊNCIAS

DA ROCHA, Lucas Vinicius Erichsen; DE CARVALHO, Alessandra Izabel. Mapeando cerceamentos e o lugar da matança animal: o caso do Matadouro Municipal de Ponta Grossa em fins do século XIX. **Antíteses**. v. 10, n. 19, p.397-424, jan./jun. 2017.

DEAN, W. Prefácio e Capítulo I In: **A Ferro e Fogo: A História e a Destruição da Mata Atlântica Brasileira**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

DRUMMOND, J. A., Por que Estudar a História Ambiental do Brasil? – Ensaio Temático, **Varia História**, n. 26, 2002

MAIA, A. C. N.; SEDREZ, L. Narrativas de um Dilúvio Carioca. **História Oral**, v. 2, n. 14, p. 221-

254, jul.-dez. 2011.

MUNFORD, L. Introdução. In: **A cultura das cidades**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. 590 p; Sedrez, Lise. Natureza urbana na América Latina: cidades diversas e narrativas comuns. **RCC Perspectives**, v. 2013/7, 2013.

PÁDUA, J. A. A dimensão ambiental do conhecimento histórico. Ponta Grossa: UEPG, 2014. **Revista de História Regional** 19(2): 457-484, 2014.

PÁDUA, J. A. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**. [online]. 2010, vol.24, n.68, pp. 81-101.

ROMERO, José Luiz. O Ciclo das Fundações. In **América Latina As Cidades e as Ideias**. tradução Bella Josef. - 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009;